

10º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP)

Belo Horizonte, 30 de agosto a 02 de setembro de 2016

Cultura Política e Democracia

Choro e raiva: Os efeitos da expressão de emoções e dos estereótipos de gênero em eleições

Mariana Tanús Marques
Universidade de Brasília (UnB)
mtanusmarques@gmail.com

Resumo: Diversos estudos comprovam a existência de estereótipos relacionados à emotividade de homens e mulheres. De forma geral, as mulheres são vistas como mais emotivas e associadas com maior frequência às emoções ligadas à ideia de fraqueza e instabilidade, enquanto os homens tendem a ser mais associados com as emoções relacionadas à ideia de poder. Por conta disso, existe a crença de que mulheres candidatas precisam se esforçar mais para parecerem detentoras de controle emocional de forma que isto não as prejudique no pleito a cargos eletivos. Assim, o presente projeto buscou testar o impacto desses estereótipos em contextos de corrida eleitoral para entender as dinâmicas que se apresentam no comportamento do eleitor quando se depara com comportamentos emotivos que reforcem ou neguem estereótipos de emotividade aos quais candidatas mulheres e candidatos homens estão associados por conta de seu gênero. O foco do trabalho foi na expressão das emoções de choro e raiva por serem comumente mais associadas aos estereótipos de gênero relacionados, respectivamente, a mulheres e homens. Para cumprir com o objetivo proposto, foi realizado um experimento com aplicação pela internet visando encontrar uma relação de causalidade entre a demonstração dos comportamentos emotivos de choro e de raiva e uma diminuição de favorabilidade a candidatas e candidatos. Os resultados mostram que os estereótipos de gênero encontrados comumente na sociedade também existem ao se tratar de candidatos a cargos eletivos – mulheres tendem a ser percebidas como mais emotivas do que homens independente da demonstração de qualquer comportamento emotivo. No entanto, ao contrário do que é esperado pelo senso comum, a demonstração de comportamentos emotivos em campanhas eleitorais não prejudica mais candidatas mulheres do que candidatos homens. Na verdade, foi encontrada uma tendência de favorecimento à candidata mulher que demonstra o comportamento de choro, em especial pelos respondentes homens.

Palavras-chave: Eleições; gênero; emoções.

Introdução

Mulheres são mais emotivas do que homens? Apesar das pesquisas sobre diferentes formas de respostas emocionais entre homens e mulheres permanecerem com resultados inconclusivos (Barret & Bliss-Moreau, 2009), diversos estudos conduzidos no âmbito da Psicologia comprovam a existência de estereótipos de gênero associados às emoções. Socialmente, as mulheres são percebidas como mais emotivas do que os homens e, de forma geral, são retratadas como emocionalmente mais complexas e expressivas do que pessoas do sexo masculino. Além disso, estudos constatam que existem emoções definidas como tipicamente femininas e outras rotuladas como masculinas: enquanto orgulho tende a ser mais associado a homens, tristeza e culpa são mais associadas às mulheres. Já raiva é mais associada a pessoas do sexo masculino enquanto amor é tipicamente associado a pessoas do sexo feminino (Robinson, Johnson & Shields, 1998; Timmers, Fischer e Manstead, 2003).

Nesse contexto, o presente projeto buscou entender especificamente o impacto desses estereótipos de gênero associados às emoções no contexto político-eleitoral brasileiro, investigando se a existência dos mesmos pode ter consequências na avaliação de eleitores em relação a candidatos homens e candidatas mulheres e, ainda, se pode ajudar a explicar a sub-representação feminina em altas posições políticas no sentido de se colocar como uma barreira à eleição de mulheres para cargos representativos de alta relevância. Historicamente, o gênero tem sido uma das bases de diferenciação das pessoas entre diferentes papéis, tarefas, atividades e posições sociais (Sapiro, 2003) e tradicionalmente, apesar dos avanços pela igualdade em diversas sociedades, a participação das mulheres na política é bastante reduzida em relação à participação masculina, o que justifica a importância de estudos que analisem os possíveis entraves à eleição de candidatas do sexo feminino.

Nesse sentido, uma hipótese comumente difundida é a de que mulheres e homens candidatos recebem tratamento diferenciado dos eleitores por conta de seu sexo, sendo mulheres submetidas a padrões de avaliação mais altos do que candidatos do sexo masculino, sofrendo desvantagem na corrida eleitoral por conta de seu gênero. Isso porque cargos políticos em que a necessidade de se ter controle emocional e firmeza são muito valorizados podem ser percebidos como sendo mais indicados a homens do que a mulheres por conta dos estereótipos de gêneros associados à emotividade dos mesmos.

Assim, ao se pensar no impacto dos estereótipos de gênero relacionados às emoções na avaliação feita pelos eleitores de candidatos e candidatas a cargos eletivos, o pressuposto mais comumente difundido é o de que candidatas mulheres não podem deixar transparecer

algumas emoções freqüentemente associadas à fraqueza e instabilidade emocional pois seriam mais penalizadas por isto do que candidatos do sexo masculino.

O assunto ganhou grande visibilidade na política norte-americana diante da perspectiva de candidatura de Hillary Clinton nas eleições presidenciais de 2008, quando acabou sendo derrotada nas primárias de seu partido por Barack Obama. Um artigo de 2007 no jornal *The Washington Post*¹ fala da necessidade de que mulheres pleiteando um alto cargo no Executivo como Governadora ou Presidente tem de se esforçar mais do que homens para parecer fortes e decididas. A própria Hillary Clinton afirmou em entrevista ao *Access Hollywood*² em 2008 que candidatas mulheres são mais prejudicadas se parecerem muito emotivas.

No entanto, em um estudo realizado pela pesquisadora Deborah Brooks (2011) nos Estados Unidos, em que é analisado o impacto dos estereótipos de gênero associado às emoções especificamente no contexto político e eleitoral para entender se as mulheres de fato sofrem desvantagens relacionadas aos estereótipos relativos às emoções, os achados divergem do pressuposto comumente difundido. Brooks (2011) sugere que candidatos e candidatas são igualmente penalizados por demonstrarem comportamentos emotivos de choro e de raiva. Estes dois foram utilizados por estarem tradicionalmente associados com fortes estereótipos de gênero - o primeiro mais associado a mulheres e o segundo a homens.

Com base no estudo acima, a presente pesquisa buscou analisar os impactos dos estereótipos de gênero associados às emoções na política brasileira, especificamente no que diz respeito a candidatos a cargos eletivos que expressem comportamentos emotivos. Além disso, buscou-se explorar as diferenças relacionadas aos estereótipos e à demonstração de emoções em duas sociedades diferentes - brasileira e norte-americana, comparando os resultados encontrados nesta pesquisa com os apresentados pela autora acima. São quatro as principais questões que este artigo explora:

- No Brasil as pessoas atribuem estereótipos de gênero relacionados à emotividade a candidatos e candidatas?
- No contexto brasileiro, candidatos a cargos eletivos são significativamente penalizados pela demonstração de comportamentos emotivos, em especial choro e raiva?
- Os eleitores brasileiros penalizam de forma diferente candidatos homens e candidatas mulheres, de acordo com seu gênero, por demonstrarem comportamentos que reforçam os estereótipos relacionados à emotividade?

¹ "The Rules for Female Candidates." 2007. Washington Post, November 7, sec. C01. <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/11/06/AR2007110602489.html>

² Access Hollywood. 2008. "Access Exclusive: Hillary Clinton on iPods, Reality TV, & the Election." January 6. http://www.accesshollywood.com/ellen-page/access-exclusive-hillary-clinton-on-ipods-reality-tv-and-the-election_article_7953.

- Há diferença de penalização por eleitores homens e eleitoras mulheres em relação a candidatos e candidatas que demonstrem comportamentos emotivos?

Estereótipos de gênero e emotividade

Conforme apontam Robinson, Johnson e Shields (1998), muitos estudos comprovaram a existência de estereótipos de gênero associados às emoções. Alguns exemplos são os desenvolvidos por Grossman e Wood (1993); Johnson e Shulman (1988) e; Shields e Koster (1989). De forma geral, há o entendimento de que mulheres sentem emoções de forma mais intensa do que homens, sendo o termo “emotivo” mais associado a elas do que a eles.

Ao tratar de emoções específicas, os estudos demonstram que emoções socialmente indesejadas relacionadas a si próprio, como tristeza e culpa, são mais associadas às mulheres. São essas também as emoções mais relacionadas à fraqueza e falta de poder. Já em relação às emoções voltadas aos outros, as mulheres são mais associadas às socialmente desejadas, como amor e compaixão. Os homens, por sua vez, tendem a ser mais fortemente associados às emoções socialmente indesejadas em relação aos outros, como a raiva, mas também às emoções socialmente desejadas em relação a si próprio, como orgulho. Essas emoções estão mais associadas à ideia de poder (Timmers, Fischer e Manstead, 2003). Assim, de acordo com estes estudos, as pessoas tendem a se utilizar de estereótipos de gênero para inferir sobre as emoções de indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino. Cabe destacar ainda que esses estereótipos são compartilhados por homens e mulheres, de acordo com estas pesquisas.

Teorias Descritiva e Prescritiva do Viés dos Estereótipos

Como o objetivo desse estudo é explorar de forma mais efetiva de que forma as pessoas reagem ao se deparar com novas informações em relação a candidatos que confirmem ou neguem um estereótipo a que ele está associado por conta de seu sexo, é importante resgatar duas teorias da Psicologia que pressupõem que homens e mulheres são avaliados de forma diferente quando demonstram comportamentos associados com estereótipos: A “Teoria Descritiva” e a “Teoria Prescritiva” do viés dos estereótipos.

A Teoria Descritiva defende que o impacto negativo dos estereótipos se dá no sentido em que indivíduos são pré-julgados independente de seu comportamento, apenas por fazerem parte de um grupo estereotipado. O modelo desenvolvido por Heilman (1983) chamado de “Lack of Fit Model” ilustra bem o conceito da teoria descritiva. Ele é baseado na ideia de que a expectativa sobre quão bem-sucedida uma pessoa será na sua função é uma importante variável na tomada de decisão em relação a funcionários de uma determinada organização.

Mais especificamente, o modelo coloca que existe um “encaixe” percebido entre os atributos de um indivíduo e os requisitos de uma determinada função e é este “encaixe” que determina as expectativas em relação à performance do indivíduo e influencia na tomada de decisão do gestor. Assim, os requisitos supostamente necessários para ocupar cargos tradicionalmente tipificados como masculinos não condizem com os atributos conferidos às mulheres. Essa “falta de encaixe” produz as expectativas de que mulheres falharão ao ocupar essas funções e prejudicam o desenvolvimento de suas carreiras.

A partir dessa teoria, depreende-se que comportamentos que confirmam estereótipos negativos serão mais severamente punidos do que comportamentos que negam estereótipos, pois estes reforçam o pré-julgamento dos indivíduos. Nesse caso, quando indivíduos agem de forma a confirmar um estereótipo, isso é atribuído à sua própria personalidade, à sua “natureza”, enquanto se o indivíduo age de forma a refutar um estereótipo, a tendência é a de que isso seja atribuído a uma causa externa que o levou a agir assim. O estudo desenvolvido por Barrett e Bliss-Moreau (2009), em que indivíduos são orientados a analisar os rostos de homens e mulheres e avaliar se eles são emotivos ou se estão “tendo um dia ruim”, corrobora com essa teoria mostrando que as pessoas que responderam apresentaram um viés bastante claro de avaliar rostos femininos como pessoas emotivas e rostos masculinos como pessoas que tiveram aquela reação por conta de um evento externo - “estão tendo um dia ruim”.

Já a “teoria prescritiva” se dá quando o contrário ocorre. Quando o efeito negativo do estereótipo acontece por conta de ações que não confirmaram o mesmo. Voltando aos exemplos relacionados ao mercado de trabalho apresentados por Heilman, o efeito prescritivo ocorre quando mulheres são bem-sucedidas em realizar tarefas tidas como “masculinas” e por isso são percebidas como tendo os atributos necessários para tal, eliminando a “falta de encaixe” do indivíduo com a tarefa. O problema, no entanto, é que isto é uma violação das normas associadas aos estereótipos de gênero, a “falta de encaixe” aí ocorre entre o que a mulher é e o que ela deveria ser, o que segundo o autor tende a causar reprovação, resultando em sanções para o indivíduo que “viola as regras”.

Prentice e Carranza (2002) corroboram com essa teoria em um estudo em que perguntam a indivíduos “o quão desejável é que um homem/mulher tenha determinadas características”. De acordo com seus resultados, mulheres que não demonstram comportamentos de afeto, compaixão, etc., mas que ao contrário demonstram comportamentos mais “masculinos” como arrogância, ou orgulho, estão sujeitas à censura social. O mesmo ocorre com homens que não demonstram comportamentos agressivos e se mostram mais sensíveis. Eles também estão sujeitos a sanções sociais.

Hipóteses

A teoria descritiva do viés de estereótipos foi tomada como base para elaboração das hipóteses neste projeto. Assim, ao considerarmos o choro através da perspectiva apresentada por essa teoria, temos que:

H1: Mulheres são mais penalizadas do que homens ao demonstrar comportamento de choro em uma campanha eleitoral.

Ao considerarmos a expressão de raiva, que reforça uma característica tipicamente mais associada a homens do que a mulheres, através da perspectiva descritiva temos que:

H2: Homens são mais penalizados do que mulheres ao demonstrar comportamento de raiva em uma campanha eleitoral.

Desenho experimental

Para cumprir o objetivo do projeto, foi realizado um experimento via internet com o objetivo de encontrar uma relação de causalidade entre a expressão das emoções de choro e raiva e uma pior avaliação por parte do eleitor em relação a candidatas e candidatos, bem como uma menor disposição em votar nos mesmos.

De acordo com Reips (2000) experimentos pela internet tem sido empreendidos de forma crescente em diferentes áreas de estudo por representarem algumas vantagens em relação aos realizados em laboratórios ou em campo, como a possibilidade de alcance de um maior número de participantes em diferentes regiões a um custo reduzido. Os pressupostos da abordagem experimental permanecem os mesmos nesta forma de aplicação - a manipulação das variáveis independentes (no caso do presente estudo, a expressão de emoções e o sexo do candidato) e a repetição de testes com a designação aleatória de participantes entre os grupos controle e os grupos testes, no caso de um experimento “between-subjects” (entre indivíduos diferentes) como o realizado aqui.

O experimento realizado neste projeto buscou se assemelhar ao máximo ao realizado por Brooks em seu artigo publicado em 2011. Neste, indivíduos foram submetidos a textos de entrevistas jornalísticas que descrevem a carreira de um parlamentar e suas experiências de sucesso e fracasso. Nos grupos teste foram inseridos parágrafos narrando a expressão das emoções de choro e raiva, que correspondem às variáveis independentes de interesse do estudo.

Os respondentes foram aleatoriamente divididos em grupos de controle, que analisaram as reportagens que não contém o parágrafo com a expressão emocional, e grupos de teste, que

analisaram as reportagens que narram o episódio (choro ou raiva). Cada respondente analisou apenas um candidato para que eles não soubessem que se tratava de um estudo sobre gênero.

O experimento foi realizado através da ferramenta de pesquisa online *Survey Monkey*, que possui a funcionalidade de designação aleatória de respondentes entre as diferentes condições: candidata mulher sem expressão de emoções; candidata mulher expressando choro; candidata mulher expressando raiva; candidato homem sem expressão de emoções; candidato homem expressando choro e candidato homem expressando raiva.

A matéria jornalística utilizada narra brevemente a trajetória política de um (a) deputado (a) descrevendo suas principais realizações e desafios nos últimos anos de mandato e informando que ele (a) pretende se candidatar ao Senado nas próximas eleições. O (a) candidato (a) foi descrito (a) como possuindo posições mais centralizadas e postura conciliadora, para evitar o viés ideológico na resposta dos entrevistados. Após a leitura da matéria, os entrevistados responderam a algumas perguntas indicando seu grau de apoio/favorabilidade à (o) candidata (o) e o grau de eficiência/competência que esta pessoa teria no cargo de Senador (a) e Presidente da República. Outras perguntas relacionadas a características do (a) candidato (a) percebidas pelo respondente também foram incluídas, como por exemplo, se ele enxerga o (a) candidato (a) como emotivo, racional, calmo, agressivo, líder, honesto, etc. Estas perguntas são importantes para o entendimento em relação ao papel dos estereótipos na avaliação das características de candidatos e candidatas a cargos eletivos, investigando inclusive se a expressão de determinados comportamentos emotivos pode aumentar ou diminuir a percepção dessas características pelos respondentes em relação a candidatos e candidatas. Todas as variáveis foram mensuradas em uma escala de 1 a 7.

Em relação à amostragem, destaca-se que no estudo realizado por Brooks (2011), foi utilizada a plataforma Polimetrix, que possibilita a seleção de uma amostra representativa da população norte-americana. No caso do presente estudo realizado no Brasil, a utilização de uma plataforma como esta não é viável e optou-se por realizar a indução de respondentes através da internet, em especial através da rede social *Facebook*, do aplicativo de mensagens *WhatsApp* e de *e-mails*. Na tentativa de buscar uma amostra diversa, minha estratégia foi a de selecionar para responder ao questionário pelo menos 10 eleitores que residissem em cada região do País e em seguida solicitar que essas pessoas fizessem a indicação de realizar a pesquisa para outros eleitores de suas redes de relacionamento (por e-mail e redes sociais), dando início ao processo de *snowball sampling* - tipo de amostragem por cadeia de referência em que o pesquisador inicia sua pesquisa com uma pequena amostra da população alvo e então expande a amostra solicitando que estes respondentes recomendem outros indivíduos

para o estudo (Biernacki & Waldorf, 1981). Como incentivo para participação, foi realizado o sorteio de um vale-compras entre os respondentes.

Dados e Resultados

O experimento ficou no ar entre os dias 27 de outubro e 13 de novembro de 2015. Foram 1.570 participantes no total. Destes, 1.199 responderam ao questionário de forma completa. Foi feita uma limpeza no banco de dados de forma a eliminar respondentes que tenham passado muito tempo respondendo o questionário, ou seja, que provavelmente interromperam a tarefa e depois retornaram, e respondentes que tenham respondido em muito pouco tempo e que podem não ter lido o texto e respondido às perguntas com a atenção necessária. Dessa forma, o banco de dados final ficou com 1.139 respostas³. Destas, 54,1% foram de participantes do sexo feminino e 45,9% de participantes do sexo masculino, divididos da forma apresentada no gráfico abaixo. De acordo com a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE, em 2014 as mulheres eram 51,6% da população brasileira enquanto os homens 48,4%. Esses dados também apontam que na amostra alcançada neste estudo a população do Sudeste está sub-representada, enquanto a do Centro-Oeste está sobre-representada em relação à população brasileira.

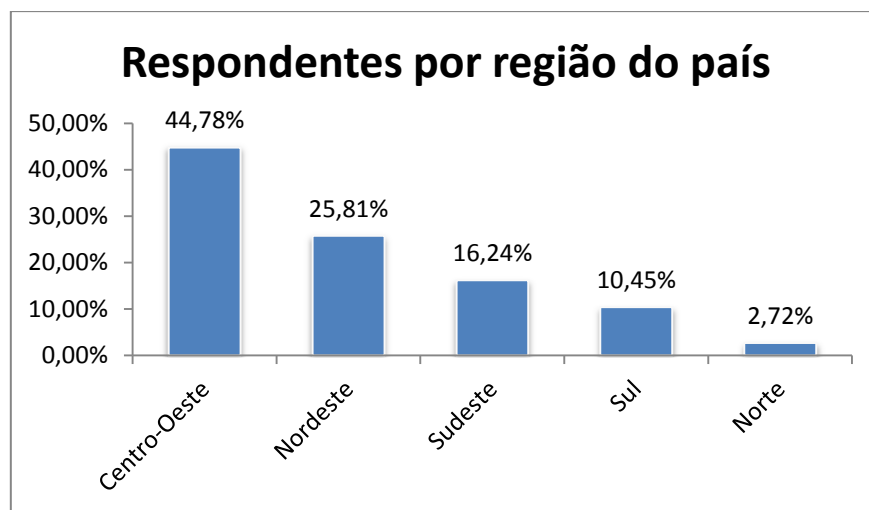


Gráfico 1: Elaborado pela autora com a distribuição de respondentes residentes em cada uma das 5 regiões do Brasil.

Do total, 386 participantes foram aleatoriamente designados aos grupos controle e 753 aos grupos de teste (383 raiva e 370 choro).

³ Do grupo controle foram retiradas todas as pessoas que responderam em menos de 2,25 minutos e em mais de 50 minutos. Já dos grupos teste, cujos textos e questionários eram maiores, foram eliminadas as pessoas que responderam em menos de 3 minutos e em mais de 1h10. Este foi o intervalo de tempo considerado aceitável para cada um dos grupos após a realização de testes.

O primeiro teste realizado teve o objetivo de entender se o experimento realmente funcionou e os dados indicam que sim, já que na pergunta relacionada à emotividade os candidatos dos grupos testes receberam uma média de avaliação de mais emotivos do que os do grupo controle, com uma diferença bastante significativa na média de 2,3 pontos (em uma escala de 1 a 7). Isto indica que as variáveis manipuladas causaram a reação esperada e os participantes responderam ao tratamento.

Em relação à demonstração de raiva, os candidatos que tiveram esse comportamento receberam uma média de favorabilidade menor do que os do grupo controle (diferença de 0,8). Como se pode perceber pelo Gráfico 2, eles foram percebidos como bem mais emotivos (diferença de 2,4) e zangados (2,3). Seu comportamento também foi considerado bem menos apropriado quando comparado ao grupo controle (diferença de 2,1).

Já em relação à expressão de choro, as diferenças de favorabilidade entre os grupos teste e controle (sem considerar o gênero dos candidatos) não foram tão significativas. Dentre as medidas de resultado, apenas a relacionada à competência percebida como Presidente da República teve diferença maior (0,3 a mais para o grupo controle). No entanto, diversas nuances relacionadas ao gênero foram percebidas e serão detalhadas mais à frente.

É interessante destacar ainda que os candidatos que demonstraram o comportamento de choro foram percebidos como mais carinhosos (0,4 pontos), emotivos (2,2) e honestos (0,5), mas também como mais fracos (0,5) (Gráfico 2). Estes resultados indicam de forma bastante clara que o experimento funcionou e seus efeitos serão melhor detalhados em seguida.

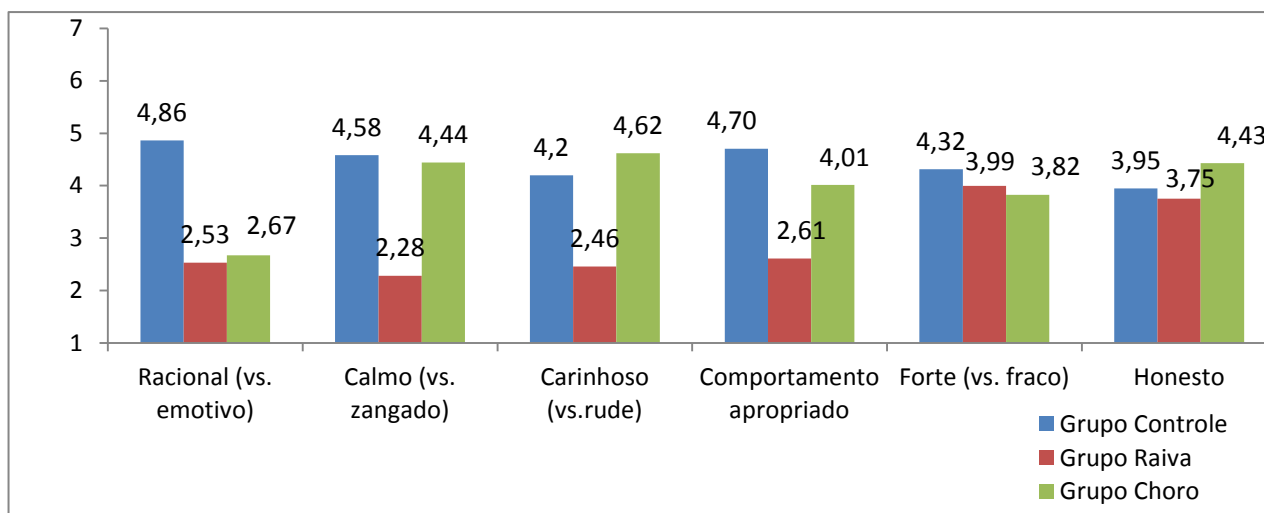


Gráfico 2: Elaborado pela autora com as médias de 6 atributos nos grupos Controle, Teste Raiva e Teste Choro, indicando que os tratamentos tiveram os efeitos esperados.

Estereótipos de gênero em eleições

A primeira pergunta que me proponho a responder neste estudo está relacionada à existência ou não de estereótipos de gênero relacionados à emotividade de candidatos do sexo masculino e candidatas do sexo feminino. Ao compararmos as médias do grupo controle entre candidato e candidata, tem-se que apesar de nenhuma demonstração de emotividade em ambos, os candidatos do sexo masculino foram percebidos como mais racionais (vs. emotivo), com uma diferença de média de 0,3. Também houve diferença sutil nos atributos de calmo (vs. zangado) – com uma diferença de média de 0,1 e forte (vs. fraco) diferença de média de 0,1. Já em relação ao atributo de liderança não houve diferença significativa na média. Há ainda dois atributos interessantes de serem destacados: capacidade de lidar com uma crise internacional, em que o homem foi percebido como sendo capaz de fazer um melhor trabalho (diferença de 0,3 na média) e honestidade, em que a mulher recebeu uma média de 0,4 pontos a mais.

Para testar se estas diferenças de média são significativas ou não, procedeu-se com a análise ANOVA utilizando os dados dos grupos controle, tendo como variável dependente os atributos citados acima e a variável independente de interesse “candidata de sexo feminino”. Conforme a Tabela 1, as diferenças foram significativas nos atributos “emotividade” – homem considerado mais racional e menos emotivo que mulher; “capacidade de lidar com crise internacional” – homem considerado mais capaz que mulher e; “honestidade” – mulher considerada mais honesta do que homem.

	Grupos Controle			
	Média Candidato Homem	Média Candidata Mulher	Diferença de Média	Valor-p
Racional (vs. emotivo)	5,02	4,68	0,34**	0,01
Calmo (vs. zangado)	4,65	4,50	0,15	0,29
Forte (vs. fraco)	4,38	4,25	0,13	0,33
Liderança	4,09	4,04	0,05	0,8
Capacidade de lidar com crise internacional	3,99	3,66	0,33**	0,04
Honestidade	3,78	4,14	-0,36**	0,01

*** p < 0,01 / ** p < 0,05

Tabela 1: Esta tabela representa alguns resultados de uma série de modelos “ANOVA de um fator” para o gênero do candidato conduzidas apenas nos respondentes expostos ao grupo controle. Um valor-p significativo para o teste-F indica que o gênero do candidato afeta de forma significativa as respostas sobre a medida em questão entre os respondentes do grupo controle.

Considerando estes resultados, a primeira conclusão que se pode chegar a partir deste estudo é a de que o estereótipo de emotividade comumente encontrado na sociedade com relação às mulheres parece sim se aplicar a candidatos a cargos eletivos. Cabe destacar, no entanto, que a existência desses estereótipos não parece beneficiar/prejudicar candidatas ou

candidatos simplesmente por conta de seu gênero. No grupo controle, as chamadas “variáveis resultado” - mais capazes de medir a intenção de voto do respondente - não apresentaram resultados significativos no teste-F:

	Grupo Controle			
	Média Candidato Homem	Média Candidata Mulher	Diferença de média	Valor-p
	Favorabilidade	4,58	4,45	0,13
Competência no Senado	4,43	4,30	0,13	0,38
Competência na Presidência	3,95	3,79	0,16	0,32

*** p< 0,01 / ** p< 0,05

Tabela 2: Esta tabela representa alguns resultados de uma série de modelos “ANOVA de um fator” para o gênero do candidato conduzidas apenas nos respondentes expostos ao grupo controle. Um valor –p significativa para o teste-F indica que o gênero do candidato afeta de forma significativa as respostas sobre a medida em questão entre os respondentes do grupo controle.

Para corroborar com o resultado acima foi realizado também um teste de proporção para medir a variável binária “voto” relacionada ao questionamento sobre se o respondente votaria ou não no candidato ou candidata para o cargo de Senador (a). Na tabela abaixo são apresentadas as proporções de voto “sim” em cada grupo e o teste-Z onde se pode perceber que a H0 de que as proporções são iguais não pode ser rejeitada, concluindo-se que no grupo controle, apesar da existência de alguns estereótipos, nem homens nem mulheres são beneficiados no que diz respeito à decisão de voto apenas pelo seu gênero.

	Grupos Controle			Valor-p
	Candidata MULHER	Candidato HOMEM	Diferença de Proporção	
Proporção de votos sim	51,65%	50%	1,65%	0,75

*** p< 0,01 / ** p< 0,05

Tabela 3: Esta tabela representa o resultado de um teste-z de proporção dos votos favoráveis entre o grupo controle em que a candidata era uma mulher e o grupo controle em que o candidato era um homem. Um valor-p significativa para o teste-Z indica que a diferença de proporções pode ser considerada significativa.

Penalização de candidatos pela demonstração de comportamentos emotivos

A segunda questão que esse estudo pretende explorar é se, no contexto brasileiro, candidatos a cargos eletivos são, de forma geral, penalizados pela demonstração de comportamentos emotivos - especificamente pela expressão de choro e de raiva. Na tabela abaixo são apresentados os resultados dos modelos da ANOVA de dois fatores separando apenas a significância do efeito do tratamento, sem considerar o gênero do candidato. O

objetivo nesta seção é comparar o grupo controle com os grupos teste apenas no que diz respeito à demonstração de choro e raiva. As diferenças com relação ao gênero dos candidatos serão melhor exploradas na seção posterior.

Vamos começar pela análise dos resultados relacionados ao comportamento de raiva. Como se pode ver pela Tabela 5, a demonstração de raiva por candidatos a cargos eletivos não é bem aceita pelo eleitores. As diferenças de média foram significativas para todos os atributos, com um impacto negativo bastante claro para candidatos que demonstram esse tipo de comportamento, independente de seu gênero. Todos foram considerados mais emotivos, zangados e rudes, menos honestos e com menor capacidade de liderar e lidar com crises internacionais.

As medidas de resultado também sofreram impacto significativo e mostram que candidatos e candidatas que demonstrem comportamento de raiva tem menor chance de receberem votos. A favorabilidade diminuiu, bem como a percepção de competência no Senado e na Presidência. Além disso, a diferença de proporção de votos sim entre o grupo controle e o grupo teste de raiva também foi bastante significativa. Enquanto 51% dos respondentes afirmaram que votariam nos candidatos apresentados no grupo controle, apenas 34% dos respondentes do grupo teste de raiva votariam nos candidatos apresentados que demonstraram esse comportamento (Tabela 4).

Os impactos da demonstração de choro, por sua vez, tiveram uma dinâmica diferente. As nuances relacionadas ao gênero dos candidatos serão apresentada na próxima seção, mas de forma geral, pode-se perceber que os respondentes não punem de forma significativa candidatos que demonstram esse tipo de comportamento. Conforme demonstrado na Tabela 5, as médias de favorabilidade e de competência percebida no Senado são praticamente iguais entre os grupos controle e choro. No entanto, há um resultado bastante interessante, já que a competência percebida do candidato como Presidente da República caiu de forma significativa para aqueles que demonstraram comportamento de choro. Este resultado reforça a ideia de que para cargos no Executivo, a estabilidade emocional é mais valorizada do que para cargos no legislativo, onde há maior difusão de poder e responsabilidade, convergindo com resultados encontrados por Huddy e Terkildsen (1993), que observam que características tidas como “tipicamente masculinas” são mais valorizadas quando se trata de um cargo executivo nacional, como o de Presidente.

Os respondentes do grupo choro também atribuíram nota mais alta aos candidatos em características como honesto e carinhoso e também os perceberam como tendo mais compaixão e se importando mais com as pessoas. No entanto, demais características como

forte, líder e capaz de lidar com crises receberam notas mais baixas quando comparadas às dadas pelos respondentes do grupo controle. Isto, no entanto, não parece afetar na intenção de voto para o cargo de senador. Ao contrário do que se esperava, apesar de não ser uma diferença estatisticamente significativa, a demonstração de choro, de forma geral, parece criar uma tendência maior ao voto “sim”, já que no grupo controle a proporção foi de 51% enquanto no choro foi de 56% (Tabela 4).

Destaca-se ainda que apesar de alguma empatia pela demonstração de choro, em ambos os grupos teste os candidatos receberam uma nota menor em “comportamento apropriado” do que no grupo controle. No entanto, a média dessa variável no grupo raiva foi muito menor, indicando que demonstração de raiva é um comportamento considerado muito mais inapropriado para candidatos a cargos eletivos do que o de choro.

Na próxima seção serão detalhadas as diferenças encontradas pelo gênero dos candidatos, que também ajudarão a entender melhor os resultados gerais apresentados aqui para cada emoção.

	Grupo CONTROLE	Grupo RAIVA	Diferença de Proporção	Valor-p
Proporção de votos sim	51%	34%	17%***	0,00
	Grupo CONTROLE	Grupo CHORO	Diferença de Proporção	Valor-p
	51%	56%	-5%	0,1

*** p< 0,01 / ** p< 0,05

Tabela 4: Esta tabela representa os resultados dos testes-z de proporção dos votos favoráveis entre o grupo controle e o grupo raiva e entre o grupo controle e o grupo choro. Um valor-p significativo para o teste-Z indica que a diferença de proporções pode ser considerada significativa.

	Grupo Controle	Grupo Raiva			Grupo Choro		
	Médias	Médias	Diferença de Média	valor-p	Médias	Diferença de Média	valor-p
Favorabilidade	4,51	3,69	0,82***	0	4,53	-0,02	0,82
Competência Senado	4,37	3,83	0,54***	0	4,32	0,05	0,7
Competência Presidência	3,87	3,09	0,78***	0	3,62	0,25**	0,03
Capacidade lidar com crise internacional	3,83	3,00	0,83***	0	3,39	0,44***	0
Honesto	3,95	3,75	0,20**	0,03	4,43	-0,48***	0
Liderança	4,07	3,74	0,33***	0	3,42	0,65***	0
Capacidade de resolução	4,17	3,24	0,93***	0	3,68	0,49***	0
Se importa	3,62	3,07	0,55***	0	4,20	-0,58***	0
Tem compaixão	3,45	2,69	0,76***	0	4,44	-0,99***	0
Racional (vs. emotivo)	4,86	2,53	2,33***	0	2,67	2,19***	0
Calmo (vs. zangado)	4,58	2,28	2,3***	0	4,4	0,18	0,16
Carinhoso (vs. Rude)	4,20	2,46	1,74***	0	4,62	-0,42***	0
Forte (vs. Fraco)	4,32	3,99	0,33***	0	3,82	0,5***	0
Apropriado (vs. inapropriado)	4,70	2,61	2,09***	0	4,01	0,69***	0

*** p < 0,01 / ** p < 0,05

Tabela 5: Esta tabela apresenta os resultados de uma série de modelos “ANOVA de dois fatores” em que o gênero do candidato e o tratamento interagiram. No entanto, nesta tabela só foram apresentados os resultados de significância dos efeitos principais de tratamento. Nas outras tabelas serão apresentados os efeitos da interação entre gênero e tratamento. Um valor –p significativo para o teste-F indica que o tratamento (choro, raiva) afeta de forma significativa as respostas sobre a medida em questão entre os respondentes do grupo controle e dos grupos teste.

Diferenças de penalização por gênero do candidato

Passa-se então à principal questão que esse projeto busca responder. Existe uma desproporcionalidade nas sanções impostas a mulheres e homens candidatos que demonstrarem comportamentos emotivos, por conta de seu gênero?

Vamos então analisar as hipóteses apresentadas que foram elaboradas com base na teoria. A primeira está relacionada ao comportamento de choro e afirma que:

H1: Mulheres são mais penalizadas do que homens ao demonstrar comportamento de choro em uma campanha eleitoral.

Os dados não confirmam esta hipótese. Inclusive, ao contrário do que se esperava, o comportamento de choro parece beneficiar mulheres que concorrem a uma vaga no Legislativo, já que as medidas de Favorabilidade e Competência no Senado apresentaram uma média

maior no grupo teste de choro com candidata mulher do que no grupo controle com candidata mulher, enquanto que as médias desses dois atributos caem quando comparamos o grupo controle do candidato homem com o grupo teste de choro do candidato homem. A Tabela 6 mostra alguns resultados da ANOVA de dois fatores demonstrando claramente que a interação entre o tratamento de choro e o gênero do candidato são capazes de explicar de forma significativa as alterações de médias entre os grupos. Conclui-se então que, para uma disputa de cargo no Legislativo, parece sim existir uma penalização diferente para homens candidatos e mulheres candidatas que expressem o comportamento emotivo de choro. No entanto, ao contrário do que se esperava, essa dinâmica ocorre de forma a beneficiar mulheres e prejudicar homens.

Isto é reforçado pelo Teste de Proporção de votos “sim” entre o grupo teste choro com a candidata mulher e o grupo teste choro com o candidato homem (Tabela 7), onde é encontrada uma diferença significativa – enquanto no grupo teste de choro em que a candidata era uma mulher a proporção de votos “sim” para o Senado foi de 63%, no grupo teste em que o candidato era um homem a proporção foi de 49%.

É interessante destacar, no entanto, que essa tendência parece não se reproduzir em uma possível disputa para o cargo de Presidente da República. Nesse caso, o comportamento de choro parece prejudicar candidatos de ambos os gêneros, não havendo uma interação significativa entre o tratamento e o sexo do candidato. O responsável pelas mudanças nas médias entre os grupos para este atributo parece ser somente a expressão de choro, que diminui a competência percebida para assumir o cargo de Presidente para ambos os sexos.

A interação entre gênero do candidato e tratamento também apresentou resultados significativos em relação a alguns atributos: enquanto a percepção de honestidade, carinho e compaixão se eleva bem mais para o grupo da candidata mulher que chora do que para o grupo do homem que faz o mesmo, os atributos de capacidade de resolução, assertividade e força diminuem menos para elas do que para eles, o que pode explicar o resultado final de maior favorabilidade à candidata do que ao candidato – nos atributos positivos relacionados ao choro elas crescem mais e nos atributos negativos elas perdem menos.

A segunda hipótese que me proponho a testar neste estudo é:

H2: Homens são mais penalizados do que mulheres ao demonstrar comportamento de raiva em uma campanha eleitoral.

Ao nível de significância escolhido para este projeto ($\alpha=0,05$), essa hipótese também não parece se confirmar. No entanto, pela Tabela 8 pode-se perceber que apesar da interação entre o tratamento raiva e o sexo do candidato não apresentar resultados significativos, quando

se considera a diferença de média bruta, os candidatos que apresentam esse comportamento caem mais do que as candidatas que fazem o mesmo em todas as “medidas de resultado”. Essa tendência, apesar de também não significativa, se confirma na pergunta sobre a intenção de voto, onde a proporção de votos sim no grupo da candidata que expressa raiva foi de 38,42% e no grupo do candidato que tem o mesmo comportamento foi de 30% (Tabela 7).

Para os atributos, essa interação foi significativa para dois, sugerindo que homens que expressam raiva são mais penalizados que mulheres em relação à percepção de emotividade (menos racionais/mais emotivos) e até mesmo de força (mais fracos).

	Resultados Anova de Dois Fatores Gênero * Choro			Médias		Médias			
	Gênero do Candidato	Choro (vs. Grupo Controle)	Gênero do Candidato * Choro						
	valor-p	valor-p	valor-p	Controle (H + M)	Choro (H+M)	Controle Mulher	Choro Mulher	Controle Homem	Choro Homem
Favorabilidade	0,11	0,82	0	4,52	4,53	4,45	4,76	4,58	4,31
Competência Senado	0,64	0,7	0,09	4,37	4,32	4,30	4,44	4,43	4,21
Competência Presidência	0,64	0,03	0,36	3,87	3,62	3,79	3,65	3,95	3,60
Honesto	0	0	0,04	3,95	4,43	4,14	4,84	3,78	4,04
Capacidade de resolução	0,05	0	0,07	4,17	3,68	4,18	3,88	4,16	3,50
Se importa	0	0	0	3,62	4,21	3,60	4,64	3,63	3,79
Tem compaixão	0	0	0	3,45	4,44	3,59	4,90	3,33	4,00
Racional (vs. emotivo)	0	0	0,64	4,86	2,67	4,68	2,44	5,02	2,88
Assertivo (vs. não assertivo)	0,24	0	0,01	4,48	3,98	4,42	4,17	4,54	3,80
Forte (vs. Fraco)	0,29	0	0,01	4,32	3,82	4,25	4,00	4,38	3,66

Tabela 6: Esta tabela representa os resultados de uma série de modelos “ANOVA de dois fatores” em que o gênero do candidato e o tratamento de choro interagiram. O foco da análise é na interação gênero*comportamento (colunas sombreadas). Apenas os resultados de maior interesse foram expostos. Os resultados significativos estão destacados em *itálico*.

	Choro Candidata	Choro Candidato	Diferença de	Valor-p
	MULHER	HOMEM	Proporção	
Proporção de votos sim	63%	49%	14%***	0,00
	Raiva Candidata	Raiva Candidato	Diferença de	Valor-p
	MULHER	HOMEM	Proporção	
	38,42%	30%	8,42%	0,08

*** p< 0,01 / ** p< 0,05

Tabela 7: Esta tabela representa os resultados dos testes-z de proporção dos votos favoráveis entre o grupo teste choro candidata mulher e o grupo teste choro candidato homem, bem como entre os grupos teste raiva candidata mulher e teste raiva candidato homem.

	Resultados Anova de Dois Fatores Gênero * Raiva			Médias		Médias			
	Gênero do candidato	Raiva (vs. Grupo Controle)	Gênero do Candidato * Raiva						
	valor-p	valor-p	valor-p	Controle (H + M)	Raiva (H+M)	Controle Mulher	Raiva Mulher	Controle Homem	Raiva Homem
Favorabilidade	0,71	<i>0</i>	0,33	4,52	3,69	4,45	3,72	4,58	3,66
Competência Senado	0,65	<i>0</i>	0,10	4,37	3,83	4,30	3,94	4,43	3,71
Competência Presidência	0,96	<i>0</i>	0,15	3,87	3,10	3,79	3,18	3,95	3,01
Se importa	0,15	<i>0</i>	0,08	3,62	3,07	3,60	3,24	3,63	2,87
Racional (vs. emotivo)	0,69	<i>0</i>	<i>0,00</i>	4,86	2,53	4,68	2,65	5,02	2,39
Forte (vs. Fraco)	0,32	<i>0</i>	<i>0,02</i>	4,32	3,99	4,25	4,16	4,38	3,81

Tabela 8: Esta tabela representa os resultados de uma série de modelos “ANOVA de dois fatores” em que o gênero do candidato e o tratamento de raiva interagiram. O foco da análise é na interação gênero*comportamento (colunas sombreadas). Apenas os resultados de maior interesse foram expostos. Os resultados significativos estão destacados em *itálico*.

Diferenças de penalização por gênero do respondente

Os últimos testes realizados neste estudo tiveram como objetivo buscar entender se as diferenças encontradas que foram apresentadas nas seções anteriores se relacionam de alguma forma com o gênero dos respondentes. Ou seja, se existe alguma tendência das pessoas beneficiarem candidatos do mesmo sexo ou do sexo oposto quando há expressão de comportamento emotivos por estes.

Na Tabela 9 podem ser encontrados alguns dos resultados de uma série de ANOVA de três fatores onde se interagiu o gênero do respondente, o gênero do candidato e o tratamento nos grupos controle e teste choro. Também foram realizadas ANOVAs de dois fatores (gênero do candidato x tratamento) apenas entre respondentes mulheres dos grupos controle e choro e apenas entre respondentes homens dos grupos controle e choro.

A partir da análise da Tabela 9 percebe-se que o teste-F de interação entre gênero do respondente, gênero do candidato e tratamento apresentou resultados significativos na variável Favorabilidade. Ao se analisar as outras colunas é possível entender que este resultado aparece porque os respondentes homens parecem beneficiar mais a candidata mulher que chora enquanto, ao mesmo tempo, prejudicam mais o candidato homem que tem o mesmo comportamento.

Já em relação ao atributo carinhoso (vs. rude), as mulheres parecem favorecer mais candidatas mulheres do que candidatos homens. Apesar de não ser significativa estatisticamente, essa tendência de mulheres beneficiando mulheres também aparece nos atributos inteligência e assertividade, onde a punição de mulheres ao candidato homem parece ser maior do que à candidata mulher.

Em relação às mesmas análises para o comportamento de raiva, as “medidas de resultado” não parecem ter mudanças significativas por conta do gênero do respondente. No entanto, em alguns atributos como capacidade de lidar com crise internacional, comportamento apropriado, racionalidade e força, aparece uma tendência de maior penalização por parte de mulheres a candidatos homens. Os resultados aparecem na tabela 10.

	Anova de 3 fatores – Análise combinada - CHORO		Anova de 2 fatores somente com respondentes MULHERES				Anova de 2 fatores somente com respondentes HOMENS				
	Gen.RESP * Gen.CAND * Tratamento	(choro x controle)	Médias				Gênero do candidato * Tratamento (Choro x Controle)	Médias			
	valor-p	valor-p	Mesmo gênero CONTROLE	Mesmo gênero CHORO	Gênero Diferente CONTROLE	Gênero diferente CHORO	valor-p	Mesmo gênero CONTROLE	Mesmo gênero CHORO	Gênero Diferente CONTROLE	Gênero diferente CHORO
Favorabilidade	<i>0,02</i>	0,18	4,58	4,71	4,63	4,43	<i>0,05</i>	4,53	4,18	4,29	4,82
Competência Senado	0,34	0,42	4,33	4,48	4,48	4,40	0,11	4,37	3,99	4,26	4,39
Competência Presidência	0,65	0,7	3,87	3,79	3,93	3,74	0,35	3,97	3,44	3,70	3,49
Inteligente	0,19	<i>0,04</i>	4,46	4,73	4,47	4,17	0,33	4,48	4,20	4,46	4,46
Assertivo (vs. não assertivo)	0,1	<i>0,01</i>	4,35	4,19	4,58	3,72	0,40	4,49	3,89	4,50	4,14
Carinhoso (vs. Rude)	<i>0,03</i>	0	4,17	4,94	4,24	4,31	0,11	4,20	4,42	4,20	4,87

Tabela 9: A tabela representa resultados de uma série de modelos “ANOVA de três fatores” em que o gênero do candidato, o gênero do respondente e o tratamento de choro interagiram. O foco da análise é na interação Gênero do Respondente* Gênero do Candidato*Comportamento (colunas sombreadas). Apenas os resultados de maior interesse foram expostos. Resultados significativos estão destacados em *itálico*.

	Anova de 3 fatores- Análise Combinada – RAIVA		Anova de 2 fatores somente com respondentes MULHERES				Anova de 2 fatores somente com respondentes HOMENS				
	Gen.RESP* Gen.CAND* Tratamento (Raiva x Controle)	Gênero do candidato * Tratamento (Raiva x Controle)	Médias				Gênero do candidato * Tratamento (Raiva x Controle)	Médias			
	valor-p	valor-p	Mesmo gênero CONTROLE	Mesmo gênero RAIVA	Gênero Diferente CONTROLE	Gênero diferente RAIVA	valor-p	Mesmo gênero CONTROLE	Mesmo gênero RAIVA	Gênero Diferente CONTROLE	Gênero diferente RAIVA
Favorabilidade	0,44	0,26	4,58	3,84	4,63	3,59	0,78	4,53	3,74	4,29	3,59
Competência Senado	0,27	<i>0,04</i>	4,33	4,07	4,48	3,61	0,79	4,37	3,83	4,26	3,80
Competência Presidência	0,11	0,07	3,87	3,46	3,93	3,00	0,76	3,97	3,03	3,70	2,87
Capacidade lidar c/ crise	0,08	0,08	3,67	3,22	3,87	2,86	0,71	4,13	3,14	3,65	2,79
Racional (vs. emotivo)	0	0	4,45	2,75	4,91	2,24	0,55	5,16	2,58	4,95	2,55
Forte (vs. Fraco)	<i>0,02</i>	<i>0,02</i>	4,33	4,16	4,44	3,59	0,55	4,30	4,10	4,15	4,15
Apropriado (vs. inapropriado)	0	<i>0,04</i>	4,77	2,66	4,80	2,15	0,63	4,54	2,86	4,68	2,85

Tabela 10: A tabela representa resultados de uma série de modelos “ANOVA de três fatores” em que o gênero do candidato, o gênero do respondente e o tratamento de raiva interagiram. O foco da análise é na interação Gênero do Respondente* Gênero do Candidato*Comportamento (colunas sombreadas). Apenas os resultados de maior interesse foram expostos. Resultados significativos estão destacados em *itálico*.

Discussão

Os resultados encontrados neste estudo mostram que, no contexto brasileiro, os estereótipos de emotividade comumente encontrados na sociedade também se aplicam às candidatas a cargos eletivos, já que apesar de nenhuma demonstração de comportamento emotivo, a mulher candidata do grupo controle foi considerada menos racional (e mais emotiva) do que o candidato. Outros estereótipos também surgiram com relação ao gênero como a ideia de que o candidato homem faria um melhor trabalho ao lidar com uma crise internacional do que a candidata mulher e a percepção de que a candidata mulher é mais honesta do que o candidato homem.

Estes resultados do grupo controle são importantes para o entendimento dos demais resultados da pesquisa, quando se trata da diferenciação nas sanções impostas pelo comportamento emotivo a cada um dos gêneros. Uma hipótese que se pode inferir a partir da comprovação da existência desses estereótipos é a de que determinados comportamentos já são esperados para mulheres, por isso não seriam tão punidos quanto quando são desempenhados por homens.

Outro resultado importante está relacionado ao comportamento de choro. Enquanto que nesta pesquisa realizada no contexto brasileiro as médias de favorabilidade entre o grupo controle e o grupo choro foram praticamente iguais, aparecendo até a tendência de que esse comportamento chega a aumentar as proporções de voto sim e com a demonstração clara de que beneficia mulheres para cargos no legislativo, os resultados encontrados por Brooks (2011) levam a crer que de forma geral há uma tendência de reprovação desse comportamento nos Estados Unidos – as médias de favorabilidade na pesquisa de Brooks caíram, ainda que não de forma estatisticamente significativa.

Estes resultados são uma evidência de que o comportamento de choro parece ser mais bem aceito no âmbito da cultura brasileira do que da norte-americana. Os estereótipos comumente difundidos pelo senso comum de maior “frieza” e menor demonstração de emoções por parte de norte-americanos quando comparados a brasileiros parece ter um efeito quando se faz essa comparação sobre a demonstração de comportamento de choro.

Em relação à raiva, os resultados encontrados neste estudo se assemelham aos de Brooks (2011), já que nas duas pesquisas a média conferida à favorabilidade e aos atributos positivos caíram significativamente quando se compara o grupo controle com o grupo teste de raiva, mostrando que em ambas as culturas comportamentos agressivos não são bem aceitos e tendem a ser significativamente punidos.

Sobre as diferenças de tratamento por parte dos eleitores em relação a candidatos homens e candidatas mulheres que demonstram comportamento emotivo, o que mais chama atenção no resultado deste estudo é a tendência de favorecimento às mulheres que choram. As diferenças nos resultados parecem ocorrer porque enquanto homens são levemente punidos por demonstrarem esse comportamento, as mulheres são beneficiadas, recebendo índices de favorabilidade e competência no Senado maiores, bem como crescendo também em diversos atributos. Outra comprovação disto é a maior proporção de votos recebida pela candidata que chorou. Este é o ponto de divergência maior entre o presente estudo e o realizado por Brooks, já que nesse último não é encontrada nenhuma tendência de aumento nas medidas resultado às candidatas que choram – elas recebem o mesmo tratamento que os homens, com uma queda discreta.

É mais interessante ainda pontuar que essa tendência no presente estudo foi mais encontrada entre os respondentes homens do que entre as respondentes mulheres. São eles que parecem aumentar de forma mais significativa as médias para a candidata que chora ao mesmo tempo em que diminuem as médias do candidato homem que faz o mesmo.

Trago então alguns fatores que podem contribuir para a discussão e o entendimento desse resultado que vai contra a hipótese inicialmente elaborada. O primeiro é que ao contrário do que foi encontrado por Brooks, os estereótipos de emotividade por gênero se aplicam no contexto brasileiro também para mulheres na política. Conforme o resultado apresentado na primeira seção, mulheres são naturalmente vistas como mais emotivas, mas também como possuindo mais compaixão e sendo mais honestas. A percepção de todos esses atributos aumenta bastante quando o comportamento de choro é demonstrado, em especial o relacionado à honestidade. Destaca-se que enquanto o aumento da média para mais honesto foi de apenas 0,25 na comparação entre grupo controle com candidato homem e grupo choro com candidato homem, essa média subiu significativos 0,7 pontos quando a comparação ocorre entre grupo controle com candidata e grupo choro com candidata, ou seja, mulheres já são consideradas mais honestas e quando choram essa percepção aumenta ainda mais. Em um contexto como o brasileiro, em que escândalos de corrupção envolvendo atores no Congresso Nacional são constantes e onde a população tem, nos últimos anos, demonstrado sua insatisfação com essa situação, figuras que pareçam ser mais honestas, ter maior compaixão e se importar mais com as pessoas podem ter vantagens em uma corrida eleitoral. Assim, os estereótipos de gênero relacionados ao sexo feminino não parecem ser ruins no contexto brasileiro - onde a emotividade parece ser mais bem aceita do que num contexto

norte-americano - e onde características relacionadas a essa emotividade (como honestidade e compaixão) são valorizadas e procuradas nos atores políticos.

Um outro ponto que pode ser considerado para colaborar com o entendimento desses resultados converge com a Teoria Prescritiva do viés dos estereótipos. Por conta dos estereótipos associados a eles, é esperado que homens não tenham comportamento emotivo. Assim, quando é apresentado um comportamento por um candidato do sexo masculino que rompe com essa expectativa, eles tendem a sofrer sanções sociais. Em um contexto de uma sociedade historicamente patriarcal, essas sanções podem ser especialmente aplicadas dentro do seu próprio grupo – com homens penalizando homens por esse comportamento e sendo mais complacentes com mulheres, já que isso seria o esperado delas.

Não se pode deixar de destacar ainda, que essa tendência de favorecimento da candidata mulher só foi encontrada quando se trata de um cargo para o Legislativo. Ao se tratar da Presidência da República, a competência percebida para exercer esse cargo cai tanto para o candidato homem quanto para a candidata mulher que choram. Essa questão pode ser melhor explorada em estudos futuros, já que há a possibilidade de existência de outra tendência para um cargo onde há uma concentração tão grande de poder nas mãos de um indivíduo, como o de Presidente.

Em relação aos resultados do comportamento de raiva, a Hipótese 2 não pode ser comprovada ao nível de significância escolhido, mas a tendência encontrada converge com o que defende a Teoria Descritiva do viés, que afirma que a confirmação de um estereótipo negativo esperado tende a sofrer maior sanção – quando são comparadas as médias. Os resultados encontrados aqui divergem levemente dos encontrados pelo estudo de Brooks (2011). Ainda que ambos tenham encontrado a grande tendência de sanção tanto a candidatos quanto a candidatas que demonstrem comportamentos agressivos, no presente estudo houve uma tendência (ainda que não significativa estatisticamente) de maior penalização dos candidatos do sexo masculino.

Destaca-se ainda que pelas diferenças de médias foi percebido também que essa maior tendência de penalização a candidatos do sexo masculino que demonstrem o comportamento de raiva se dá por parte de respondentes mulheres. Apesar das medidas resultado não apresentarem significância estatística, a queda na avaliação de vários outros atributos apresenta relação significativa com o gênero do respondente (mulher).

Um ponto que acredito que deve ser considerado nessa discussão é o fato de que nos últimos anos o movimento de mulheres na luta pela igualdade e, em especial contra o assédio e a violência masculina, tem ganhado bastante força na sociedade brasileira, principalmente

nas redes sociais, sendo até denominado por alguns de “Primavera das Mulheres” ou “Primavera Feminista”. Campanhas como “Eu não mereço ser estuprada”, “Chega de Fiu Fiu” e “Meu primeiro assédio” tomaram conta das redes sociais nos últimos anos com o objetivo de denunciar violências cometidas por homens em relação a mulheres. Inclusive, a campanha “Meu primeiro assédio” alcançou seu auge nas redes sociais no mesmo mês em que o experimento realizado nesta pesquisa foi colocado no ar (outubro de 2015), cerca de uma semana antes. Dentro desse contexto, faz sentido que a tolerância por parte de mulheres em relação a comportamentos agressivos demonstrado por homens seja reduzida.

Conclusão

A partir dos resultados encontrados pelo presente estudo e ao fazer uma comparação com outros realizados anteriormente, pode-se perceber que a questão dos estereótipos de gênero e dos vieses e sanções sociais provocados por estes variam de acordo com aspectos culturais de sociedades diferentes.

Tem-se ainda que ao contrário do que é comumente difundido, em especial no contexto político e social da sociedade norte-americana, onde se acredita haver o *glass ceiling* - uma barreira invisível que atrapalha mulheres a alcançar cargos mais altos de poder - a tendência de maior penalização de mulheres que demonstrem comportamentos emotivos relacionados aos estereótipos de gênero não se confirma neste estudo. Inclusive, as mulheres podem até se beneficiar do comportamento de choro em determinadas situações enquanto a tendência é a de que homens sejam punidos tanto pela demonstração de choro quanto pela demonstração de raiva.

É importante destacar que o entendimento alcançado através deste estudo é o de que os resultados encontrados foram produto não somente das características históricas e culturais da sociedade brasileira, mas também do atual contexto político e social do país. Caso a pesquisa tivesse sido feita há alguns anos atrás, entende-se que os resultados poderiam ser diferentes e talvez se aproximar mais dos encontrados em outros estudos realizados anteriormente.

Por fim, chega-se à conclusão de que há um caminho positivo para o futuro das mulheres na política, com oportunidades para a maior participação de pessoas do sexo feminino em altos cargos políticos, já que a questão da emotividade parece não se colocar como um entrave em corridas eleitorais. Espera-se ainda que os resultados desse estudo possam servir como incentivo para a maior participação feminina em disputas eleitorais.

Referências Bibliográficas

- Barrett, Lisa Feldman, and Eliza Bliss-Moreau. 2009. "She's Emotional. He's Having a Bad Day: Attributional Explanations for Emotion Stereotypes." *Emotion* 9 (5): 649–58.
- Biernacki, Patrick; WALDORF, Dan. Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological methods & research*, v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981.
- Brooks, Deborah Jordan. "Testing the double standard for candidate emotionality: Voter reactions to the tears and anger of male and female politicians." *The Journal of Politics* 73.02 (2011): 597-615.
- Brooks, Deborah Jordan. *He runs, she runs: Why gender stereotypes do not harm women candidates*. Princeton University Press, 2013.
- Dolan, Kathleen. 2010. "The Impact of Gender Stereotyped Evaluations on Support for Women Candidates." *Political Behavior* 32: 69–88.
- Heilman, M. E. 1983. "Sex Bias in Work Settings: The Lack of Fit Model." In, *Research in organizational behavior*, Vol. 5, eds. L. L. Cummings and B. M. Straw. Greenwich, CT: JAI, 269–98.
- Heilman, Madeline E. "Description and prescription: How gender stereotypes prevent women's ascent up the organizational ladder." *Journal of social issues* 57.4 (2001): 657-674.
- Huddy, L., and N. Terkildsen 1993b. "Gender Stereotypes and the Perception of Male and Female Candidates." *American Journal of Political Science* 37 (1): 119–47.
- Huddy, L., and N. Terkildsen 1993a. "The Consequences of Gender Stereotypes for Women Candidates at Different Levels and Types of Office." *Political Research Quarterly* 46 (3): 503–25.
- Morton, Rebecca B., and Kenneth C. Williams. *Experimental political science and the study of causality: From nature to the lab*. Cambridge University Press, 2010.
- Prentice, Deborah A., and Erica Carranza. 2002. "What Women and Men Should Be, Shouldn't Be, Are Allowed to Be, and Don't Have to Be: The Contents of Prescriptive Gender Stereotypes." *Psychology of Women Quarterly* 26: 269–81.
- Sanbonmatsu, Kira. 2002. "Gender Stereotypes and Vote Choice." *American Journal of Political Science* 46 (1): 20–34.
- Timmers, Monique, Agneta Fischer, and Antony Manstead. "Ability versus vulnerability: Beliefs about men's and women's emotional behaviour." *Cognition & Emotion* 17.1 (2003): 41-63.